

CASIMIRO DE BRITO

Entrevistado por Maria Augusta Silva

EXCERTOS DA ENTREVISTA EM MODO AUDIO

As civilizações foram atrofiando o homem, que entretanto se afastou do primitivo, das manifestações primordiais. O homem não tem importância nenhuma, o bichinho que nós somos é uma parte mínima do conjunto das coisas que existem no universo. Tem particularidades e uma delas, terrível, luminosa, é a capacidade de criar deuses e leis. (...) Os poetas devem ter a obsessão de que transportam em si o mundo. Não é uma coisa boa nem má, são eles que possuem o dom da palavra

Sensibilizam-me especialmente dois versos do seu livro *Na Via do Mestre*: “Cessam as batalhas quando o vazio / Se instala no coração dos homens (...)”. É a rendição do poeta face à montanha, a deuses sem alma?

O vazio de que falo é um vazio cheio, a não-aceitação de distinções arbitrárias entre o Bem e o Mal, entre as fronteiras que separam as pessoas e as coisas. O conceito oriental de vazio desfaz essas fronteiras artificiais produzidas pela submissão do homem a leis e regras. Mas há outro homem...

O homem cósmico? O homem que precisa do caos para criar?

A mudança é inspirada pelo caos. As civilizações foram atrofiando o homem, que entretanto se afastou do primitivo, das manifestações primordiais; de estados do ser que podemos, embora raramente, recuperar através de uma espécie de revelação (no mundo ocidental) ou iluminação (no mundo oriental). O homem construiu-se sobre duas componentes: a primitiva e a cultural. A vertente cultural destrói a outra, a da emoção, a da não-regra, um espaço de renascimento poético. A nossa tendência é escamotear o que no homem é primitivo.

Poetas, os grandes produtores do caos?

Não sei. Recuperam algum caos, isso sim. Leem o caos e produzem-no porque desarrumam as palavras para criarem coisas novas, novas visões da linguagem. O poeta trabalha com o material mais sublime do ser humano: as palavras, essas conchas milenares que, tendo "coração" (o lado

primitivo) obedecem também a normas culturais (a semântica, a morfologia).

Existem, segundo Novalis, o “poeta transcendental” e o “poeta prático”. Completam-se?

De certo modo. Tem-se defendido, ao longo destes séculos, que a poesia é uma soma de som e sentido ou, segundo Valéry, uma oscilação entre o som e o sentido. Que a poesia é um equilíbrio entre a emoção e a regra. Mas há também uma componente de sofrimento, de angústia. A conquista do som e a sua evolução tem de facto a ver com o “poeta prático” de que fala Novalis. E cada um deve encontrar a sua via. A cada ouvido a sua música do mundo.

Poderá transmitir-se uma emoção sem a sentir?

Esse é o problema do homem: consegue transformar a emoção em não-emoção. São coisas distintas e Pessoa viu isso muito bem. É trivial mas sempre necessário dizer-se que a poesia não se faz com sentimentos, esses todos os têm. O poeta é também um artesão.

No entanto, a essência da poesia reside no mais primitivo do ser?

Sim. Talvez. O poeta transforma a escuta que faz do mundo em certos momentos centrais em palavras que o resumem, sabendo porém que nunca conseguirá esse resumo pela mais simples das razões: a transformação

permanente do mundo. E essa é a principal fonte de inspiração, a passagem do tempo, o problema da morte. Mas também o domínio da madrugada, metafórica ou não. Numa destas madrugadas pensava eu que...

Madrugada, o seu momento transcendental?

Há um momento da madrugada em que acordo e me sinto por vezes num aquém, num primitivo.

É quando escreve não é? Um despertar mágico?

Um momento em que não me sinto ainda racionalizado, equilibrado. Um momento da pureza em que me encontro ainda na fase de apreensão da realidade como se ela fosse uma nuvem. Passo o que julgo saber para o papel, de luz apagada se alguém dorme comigo, coisas que depois desenvolvo ou apago. Faço isso há mais de 40 anos.

Desculpe lá, que pensou na tal madrugada, que ideia teve?

Esta: comece por onde começar, sempre começarei pelo centro. Sem nunca lá chegar. Estamos no centro mas o centro não existe. Só poderia haver princípio, meio e fim se qualquer coisa estivesse parada. O mundo, porém, mexe-se em constante mudança. Esta é também a essência da escrita, fazer, refazer sem nunca lá chegar.

A terra gira em volta de si mesma por não haver começo nem fim?

A terra é um centro. Entre outros...

Se diz que o centro não existe, logo a terra não existe...

Neste momento o que me interessa é interrogar-me sobre isto: A capacidade que algumas pessoas têm para se aproximarem do primitivo não lhes dará uma certa paz?

Paz, incessante busca?

Sim, coisas, momentos que posso associar à paz. Não cuido de glória nem de prestígio, já tenho quanto baste; a única coisa que me interessa é respirar, morrer em paz. Morrer feliz. Nos últimos anos, a minha obra não deixa de abordar a arte de bem morrer.

“Sou esse que escreve / como quem se deita para morrer”. É por vezes contraditório na teoria sobre a morte. Afinal, pensa que ela existe ou não?

É a questão principal da minha vida. E da minha obra. A morte existe, o ser tem essa condenação embora vá sempre continuando de outra maneira. Mas chega uma idade em que deixa de haver projeção no futuro e começamos então a despojar-nos e a viver cada instante com grande intensidade. O deitar-me para a morte é isso: saber que cada momento é o último e cada coisa que se faça tem de fazer-se com mais intensidade. Isso é o cerne da minha vida e da minha poesia.

Para Heraclito, “a morte é tudo o que vemos acordados”, aliás refere isso no seu livro *Arte da Respiração*. Costuma fechar os olhos perante algum cenário?

Nunca. Por vezes dói, queima o olhar, uma chama cruel que irradia pelo corpo todo, mas eu sou desses que não retiram o olhar. É preciso ver bem o que, nascendo, já começou a morrer. A ascensão. A podridão.

A filosofia oriental de que se tem aproximado leva-o a olhar a morte com serenidade?

Os orientais não colocam o homem no centro do universo. Os orientais que me interessam, pelo menos. O homem é pouco humilde, um ser orgulhoso que procura o poder como maneira de se viver, mas esse não é o único caminho. E não é, de certeza, o meu caminho.

Deparamos igualmente nos orientais com pensamentos filosóficos contrários. Confúcio advoga a moral, a hierarquia, enquanto Lao Zi se liberta das coisas terrenas e protagoniza a não-regra. Está na linha de Lao Zi?

Há no ser humano a tendência para um tipo de harmonia construída que o afasta do primitivo. Os meus poemas de *Na Via do Mestre* são um diálogo com Lao Zi a partir do *Tao te King*, um texto que considero dos mais relevantes de todos os tempos, a par de alguns livros da *Bíblia*, de alguns

sonetos de Camões, de algum Bashô, de algum Shakespeare, Homero, Vergílio.

Na sua arte poética, os contrários são também abordados com sabedoria e engenho...

Interpreto a vida. Digo-a com as palavras de que disponho. O poeta é um homem que transporta o peso dos outros homens mas também o peso do mundo. Será um dom? Não sei. Mas é, sem dúvida, uma chaga a palavra que o poeta transporta.

Uma chaga? E a beleza da poesia?

Uma chaga luminosa.

Aí temos o poeta a sentir-se Messias?

Não há nenhum messianismo. Os profetas apareceram antes dos poetas. A palavra poética, no entanto, está mais próxima da realidade do que a dos profetas. Sendo embora visionários (a expressão é de Rimbaud) são menos visionários que os profetas.

Não podem deixar de lidar com a realidade mesmo que a transfigurem?

Se querem ser a voz da sua tribo (o meu conceito de tribo ultrapassa o ser humano), os poetas devem ter a obsessão de que transportam em si o mundo. Não é uma coisa boa nem má, são eles que possuem o dom da palavra.

Exclusivo dos poetas?

A palavra poética é a palavra original. A poesia esteve sempre na origem da língua. A transformação de qualquer língua passa pela maneira, por vezes aparentemente louca, como os poetas tratam a linguagem. Não, não é um exclusivo dos poetas que assinam poemas.

A língua portuguesa é mais aberta aos sentimentos?

É muito aberta aos sentimentos, muito macia, bem diferenciada das outras línguas latinas. É musical mas sem a componente *cantabile* do italiano. Afirmativa mas sem a clareza por vezes menos subtil do castelhano. E bastante menos retórica do que o francês.

Que tem a nossa de original?

Nós, dentro da nossa língua, estamos mais perto dos mitos. Passaram por aqui várias e variadas gentes, lutaram entre si menos do que noutros lados e a língua fez-se com muita paciência, muita negociação. Aconteceram coisas muito importantes em matéria de construção da língua antes do primeiro texto conhecido em português, a *Notícia de Torto*, no tempo em que fenícios e árabes e judeus andaram por cá a fazer comércio, que foi também o das palavras. E tivemos um Camões, genial.

Mais difícil chegar aos outros com uma poesia abstrata?

A chamada poesia abstrata tem os dias contados. A poesia poderá ter alguma complexidade mas não pode ser abstrata. As palavras têm melodia, têm forma e têm sentido. E sumo, e drama. Abstrato em poesia? Não sei quem seja.

Protagonizando a poesia o primordial como entender-se que seja uma literatura de minorias?

Por isso mesmo. As questões primordiais são sempre complexas e só uma minoria poderá escutar o momento raro. Julgo no entanto que isso se está a modificar. Temos uma globalização que senta as pessoas frente à televisão e as transforma em autênticos «robots», mas também há gente que se levanta e vai em busca do que julga ser essencial. Em todos os séculos, a poesia sempre esteve do lado da subversão, do lado do miúdo que diz: «O rei vai nu!».

Dá-se igualmente um regresso ao teatro e às salas de cinema...

É verdade. E a poesia não é parva, tem inteligência, está a aproximar-se das pessoas. Por todo o mundo se realizam festivais de poesia em que participam milhares de pessoas. Estas coisas são cíclicas. Tal como ninguém poderá dizer que o livro vai morrer porque não vai. Poderá ser lido de modo diferente ou em diversos suportes mas será sempre um objeto de culto. Cada livro reflete o mundo.

Jornais e revistas têm agora o livro como objeto eleito para as suas ações promocionais. Paradoxal quando os próprios jornais se aligeiram com o argumento de que as pessoas não têm tempo para a leitura?

É de facto um fenómeno curioso. Atiram com preços baixos para uma maioria que habitualmente não lê. Livros já aceites, com algumas exceções. O caso é que atraem novos leitores, e isso é muito importante. Depois de um livro virá outro, depois de um prosador um poeta. Quem o faz presta um grande serviço à comunidade de leitores em potência e mal não faz que muitos desses livros não sejam lidos. Outro dia serão.

É dos homens que não têm vergonha de chorar sentidamente?

Ah, sim, sou dos que choram. E quando estou apaixonado mais ainda, como se chorar fosse também uma ação de graças. Quando estou apaixonado pergunto-me se mereço o que a vida me oferece. E penso então nesse mundo cheio de horrores, de tanta solidão e sofrimento. Como é que no meio de tudo isso uma pessoa pode chorar de alegria? São momentos (poéticos? místicos? eróticos?) em que o homem não se encontra subordinado à ordem, à regra, apenas, ou quase, ao caos.

No entendimento de Shakespeare terão sido as paixões a ensinar a razão ao ser humano. Acredita?

Sem dúvida. O mais e o melhor que aprendemos e somos é o que em nós sobe das raízes mais íntimas ou que por vezes nos cai em cima como se descesse de uma longínqua estrela que estava ali à espera daquele momento. O momento pode ser uma coisa de nada, um olhar, um acaso, uma lágrima. A paixão nasce como o Rio Tejo, uma gota de água na Serra de Guadarrama, e depois outra, e outra.

Seria capaz de viver sem estar apaixonado?

Difícilmente. Mas a paixão é também um modo de ser, e são tantas, as paixões. E não é coisa que se procure. Lembro-me de um haiku que escrevi há uns meses, no Líbano, é assim:

Não busques a paixão.

Ela, que não sabes onde está,

te encontrará.

Continua a saber de cor “as leis do amor”?

De cor e salteado. Sabe o que os brasileiros pensam das leis? Quando não serve dizem: «não pegou». Todos os dias elas mudam, e como são delicadas e severas e por vezes

dolorosas. Não são para levar a sério, é mergulhar e depois logo se vê. Ou, como dizia o poeta Khalil Gibran: «Se o amor te acenar não hesites, segue-o.»

Toda a vida é feita de acasos?

Exatamente. O acaso é sábio e não há pedra nem poder nem duração que apague os golpes rápidos do seu braço. O acaso é cruel mas não tem estilo: o inseto aloja-se no mármore para se ramificar em cor inimitável; a rã que salta no charco pode alterar o voo das aves migratórias; as mãos do vento despenteiam inesperadas os cabelos de uma floresta que visitam há milénios. Uma crueldade engenhosa que possui os estilos todos, a do acaso. Em qualquer lugar a metástase desabrocha, a flor histórica. A paixão nasce sempre do acaso.

Terá a sua arte de amar alguma coisa a ver com a "arte de amar" de Ovídio?

Oh, sim, «arte regendus amor», dizia ele. O amor anda muito ligado à poesia. Confundem-se. A poesia é a arte de amar mesmo quando dói. Falo de amar mas penso também num sentimento muito grato na poesia oriental: compaixão, que nada tem a ver com a compaixão ocidental, a que sente os outros como *coitadinhos*. A compaixão no Oriente é a compreensão do outro, mesmo quando esse outro é perverso; como se eu tentasse compreender o que se passa na cabeça de um nazi que ouve Mozart e, ao mesmo

tempo, toma decisões que levam à morte de outros homens.

De que modo poderão compreender-se casos dessa natureza?

Não é fácil. O ser humano é, ao mesmo tempo, criador e predador, capaz do melhor e do pior, produtor da beleza e das maiores perversidades. Um bicho mau e brilhante! Conto-lhe uma coisa: convidaram-me para uma antologia promovida pela Unesco sobre o tema *Catástrofes Naturais*. Respondi que só aceitaria colaborar se admitissem o conceito de que a grande catástrofe natural é o homem. Aceitaram. Nesse mesmo dia aconteceu a tragédia ecológica provocada pelo afundamento do petroleiro *Prestige*. O «prestígio» do homem vem muito de porcarias destas.

Poeta, um fazedor de máscaras?

A máscara, em poesia, é o estilo, a maneira como o poeta escreve. Há poetas que usam diversas máscaras para expressarem os mundos que têm dentro de si, o caso de Pessoa; outros concentram tudo num único ribeiro.

Relativamente a si, tudo se concentra num só ribeiro?

Pelo contrário. Vivo intensamente a questão do mundo como labirinto; mas também a do labirinto como deserto.

Em poesia podemos tomar o caos da vida e resumi-lo a um grão de areia. Mas, ao mesmo tempo, cada grão de areia é um universo.

Tal como o homem...

O homem não tem importância nenhuma, o bichinho que nós somos é uma parte mínima do conjunto das coisas que existem no universo. Tem particularidades e uma delas, terrível, luminosa, é a capacidade de criar deuses e leis.

E a capacidade de amor e de paixão?

Também existe nos outros seres. Levanto-me todos os dias às cinco da manhã, abro a janela, olho para as árvores e penso que têm uma grande capacidade de amar, e até reparo que elas me olham com ironia, como se me dissessem: *julgas-te calmo mas estás nervoso, andas de um lado para o outro, calmas estamos nós, aqui.* Faço um silêncio e respondo-lhes: O poeta é uma árvore nómada.

Irmão das árvores?

Sinto-me irmão. E acho que, pouco a pouco, tenho relativizado a importância do homem. Por que é que o homem criou a ordem?

Para defender-se de si mesmo?

Criou Deus – a mais ambígua e inteligente criação do homem, genial! Mas fê-lo por razões de bondade ou para a tomada do poder? O homem criou um deus, deuses, para

se auto designar seu representante. Do mesmo modo se criam as leis; a criação da ordem é quase sempre um processo de dominação ou para não ser dominado. Há sempre, contudo, um poder que domina os outros, os agentes do poder, os títeres que, em nome de poderes ocultos, vão tomando máscaras para esconder e consolidar o poder pequenino que julgam ter.

Ainda convoca para a escrita o seu anjo branco e o seu anjo negro?

A minha guerra quotidiana de artista é entre esses dois anjos: o anjo branco, sempre inspirado e por vezes em transe; o das musas, o aberto, o confiante. E o irmão negro, um chato, minucioso, paciente, o que se detém sílaba a sílaba, é terrível. Não me poupa, impiedoso. Às vezes diz-me: *cuidado, já escreveste esse verso há vinte anos...*

Atingiu o estádio em que a sua poesia não precisa de estar assinada para ser reconhecida?

Para algumas pessoas, sim, há muito tempo. O problema é que estamos num meio desatento.

Com a poesia que pretende dizer às pessoas?

Dizer-lhes que a mudança é natural; que somos um ser para a morte mas que cada momento é uma passagem cheia de pequenas iluminações nas quais existe o

primordial. A maioria preocupa-se com o fim da viagem e não com o momento que passa.

Quanto tempo andou para chegar a esta filosofia de vida?

O tempo todo da minha vida. Há quem pouco mude, ou vá na onda mas também há quem aceite a mudança como fonte natural da existência. Não dizia o poeta que «todo o Mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades.»?

No seu percurso poético dá-se o encontro de muitos movimentos estéticos...

Como todas as pessoas, sou filho de uma mulher e de um homem. E como eles são diferentes! E ensinam aos seus filhos o que não sabem saber! O meu pai dizia por dia duas ou três frases, fazia a síntese. A minha mãe falava o tempo todo. Completavam-se nestas duas expressões da fala e da poesia: o dizer em espiral e a contenção absoluta. Há um poema meu com o título *O Corpo?* e apenas dois versos: *Pátria / Sensível*. Se perguntasse ao meu pai o que é o homem, talvez ele dissesse que é «uma pátria sensível». E tudo estaria dito. A minha mãe era capaz de pegar nesta ideia e explicar muitas coisas, infinitas coisas.

Levou para a escrita os códigos de pai e mãe?

Ao fazer um poema com duas palavras, *Pátria / Sensível*, e tantos outros assim mínimos, é o código do pai que persiste em mim; mas há outro de mim que escreveu o romance *Pátria Sensível*, de trezentas páginas, a mãe que em mim continuou a formigar. Os meus vários afluentes estéticos têm naturalmente a ver sempre com as vidas que na minha tenho vivido. Com opções mas também com alguma evolução concedida pelo acaso. Mas quando me expando acabo por voltar à síntese do mesmo modo que insisto na expansão quando estou a ser demasiado sintético.

Em *Labyrinthus*, um dos seus livros de referência (publicado em 1981 e re-editado mais de vinte anos depois), convivemos com diversos registos e alguns poemas de uma fase em que foi tocado pelo experimentalismo...

Pretendi mostrar diferentes formas de poesia cobrindo áreas do ser e da linguagem que fui vivendo, investigando. Para dizer: a poesia é múltipla; e não vejam a vida apenas com um olhar.

É curioso que, apesar das diferentes paixões que tem vivido, nunca retira as dedicatórias dos seus livros nas edições seguintes. Há quem o faça...

Não, isso não, posso mudar a escrita, pequenas coisas em cada nova edição, mas respeito a história do livro, o que cada livro deve a uma certa circunstância. *Labyrinthus*

esteve esgotado quase vinte anos e só o re-editei agora porque só agora, moralmente, posso re-editá-lo mantendo a dedicatória “para a Teresa”.

“Português porém não sou”, escreve. Não tem pátria?

Prende-se ainda com o que penso sobre a ordem e o caos. A divisão do mundo em países e religiões é uma coisa da mente humana, uma mente perversa, capaz das maiores obras de arte, contudo perversa. A língua em que escrevo é importante, e como ela é bela, mas essa coisa de pátria é quase irrelevante.

Também o poeta pode ser perverso...

Com esse verso procuro tão-só chamar a atenção para o seguinte: nós somos mais do que portugueses ou do que homens, mulheres. Em poesia essas coisas dizem-se para levar as pessoas a pensar, a ver o que está encoberto por hábitos e ideologias.

Nesse verso não haverá algum azedume contra a guerra colonial?

Labyrinthus procura ser uma reflexão sobre a história do homem mas também sobre a história portuguesa. Entre muitas mais coisas. Fala de um Portugal que, sendo colonizador, era também colonizado. Todos temos uma relação de amor-ódio com o lugar onde vivemos. Apesar de

tudo este país até é um lugar ameno no meio de tanta confusão.

É quase sempre referido como poeta da “Poesia-61”.

E cada vez que alguém me empurra para esse lado sinto-me irritado.

Irritado porquê? A “Poesia-61” foi inovadora e transformadora. É uma referência...

Todos o sabemos. Mas quando alguém me refere como um dos poetas da “Poesia-61” é quase sempre porque não acompanhou o meu percurso. Vão anos-luz entre os textos de 61 e todo o meu restante trabalho. Enfatizar a “Poesia-61” é quase sempre um modo de dizerem que não leram o resto.

Renega-a, envergonha-se?

Nem me envergonho nem a renego. Tinha vinte e poucos anos e sei que, depois, fiz textos mais relevantes. A “Poesia-61” teve um papel importante na renovação da linguagem poética, no entanto não foi mais do que o começo de um percurso; naquele momento era necessário fazer-se o que se fez; foram textos de rutura.

Sobretudo com o neorrealismo?

Havia um neorrealismo com poetas que tinham a boca cheia de povo mas produziam uma poesia quase analfabeta (em todas as épocas, porém, sempre houve bons poetas).

Mas a rutura não foi só com o neorrealismo, foi contra toda a linguagem fácil, adocicada. Diga-se ainda que no mesmo momento em que a "Poesia-61" propunha uma nova linguagem poética se revelavam poetas excelentes com registos muito diferentes como, por exemplo, Herberto Helder ou Ruy Belo.

José Gomes Ferreira falou muito do povo. Aponta-lhe o dedo?

Nunca. E não só porque fomos grandes amigos. Reconheço, contudo, que num dado momento o Zé Gomes facilitou, nem sempre cuidou dos detalhes, mas foi um grande poeta. Aconteceu o mesmo com o Jorge de Sena, outro poeta imenso. Nem todos têm a mão de uma Sophia, de um Carlos de Oliveira.

Sente-se mais ligado a António Ramos Rosa?

Trabalhei muito com o António, dirigimos os *Cadernos do Meio-Dia*, publiquei-lhe o primeiro livro, criticou-me com uma simpatia jamais isenta de rigor os meus primeiros versos, deu-me a ler poetas fascinantes nos distantes anos 50, é um poeta admirável, uma pessoa admirável. Escrevi um livro com ele. A longa ligação ao António é um privilégio apesar de, em poesia, cavarmos filões diferentes.

Portugal tem melhores escritores na prosa do que na poesia?

Nem pensar nisso. Os nossos melhores escritores são os poetas, e são muitos para um pequeno país como o nosso. Mas nunca me esqueço do que disse Pessoa, entre outros aliás, que, para se ser um bom prosador, tem de se possuir uma linguagem poética. Um domínio musical da língua, direi eu. Lembre-se só do grão poético de escritores como Maria Velho da Costa, Teolinda Gersão, Maria Gabriela Llansol, Teresa Salema.

Refere apenas mulheres...

A melhor ficção portuguesa está a ser escrita por mulheres. As que referi e outras.

Sophia, Fiama como as define?

Duas das melhores poetas deste século, e não só em português. Sophia, a devolução de um mundo transparente arrancado (mas está lá) à confusão do tempo em que vivemos. Fiama, uma conceção do mundo a partir dos filamentos mais simples da vida quotidiana, sem cair nunca na leitura banal do quotidiano agora tanto na moda. Poetas na moda?

Poder-se-á dizer que há uma sensibilidade feminina na sua escrita, em especial na poesia?

Agrada-me que tenha visto isso. Ou melhor, tão feminina quanto masculina. Repare que não somos tão diferentes,

homens e mulheres. Procuro revelar na minha poesia o que sinto das várias maneiras de respirar o mundo.

“Deito-me num lençol de palavras”. Esta a sua cama?

Quando falo da poesia a propósito desse lençol é como se ela já não fosse minha. É uma metáfora. Quando se fala em lençol fala-se de amor, quando se fala de amor fala-se de poesia. Neste momento talvez fosse melhor dizer “deito-me num travesseiro de ervas”, metáfora recorrente na poesia japonesa, nos poetas que viajam, que abandonam a corte, onde as coisas são muito sofisticadas, para se abrirem à vida, para conhecerem a chuva, o vento, a fome, a dor, a paixão. Para enfim se deitarem, à noite, “num travesseiro de ervas”, do qual veem a lua com que geralmente se embebedam.

Que diferencia a sua poesia dos seus romances?

A poesia é um modo de respirar, uma síntese intensa. A minha atenção maior vai para a linguagem. Procuro fugir da banalidade, mas nunca fujo das emoções. A poesia é uma respiração vertical, a prosa é uma coisa mais horizontal, mais difusa.

Escreveu o romance *Imitação do Prazer*. O homem só imita?

O homem é um mistério; o prazer também. O meu conceito de mistério prende-se sempre com o amor e com a morte,

sua irmã. Há os que dizem que o amor fica reduzido quando se tiram os véus. Penso o contrário: quanto mais se desnuda o Outro mais coisas ficam para desnudar. Tem que ver com o aprofundamento, a intensidade, a entrega absoluta, essa a fase que estou a viver. Levámos séculos a pensar que o mistério estava longe. Afinal está em nós, ah! mas como é difícil descobri-lo. Sondá-lo é já tarefa bastante.

A partir de um certo tempo, a melhor opção foi viver a poesia a tempo inteiro?

Vivo dois tempos inteiros ou até mais do que dois. Tenho uma filha pequena, a Diana, e encanta-me passar horas com ela, ensinar-lhe as palavras e o que significam, reaprender com ela a infância. Mas tenho outra filha, a Sílvia e um filho, o Luís, ambos com mais de 30 anos: também me ensinam coisas, sentimentos, de cada vez que nos encontramos. A poesia, para mim, está muito ligada às raízes da minha vida, e aos frutos dela.

Raízes e frutos, a sua totalidade?

A via da poesia confunde-se com o meu caminho pessoal. Nunca seria capaz de me afastar da vida para escrever, tal como seria impossível afastar-me da poesia para viver. Tive o privilégio de conviver com um homem cuja sabedoria me fascinou e marcou. Chamava-se António Aleixo.

Que aprendeu com Aleixo?

Aprendi que o desprendimento das coisas práticas pode dar lugar a uma sapiência. Aleixo era um poeta popular mas sábio. Captava o essencial das coisas e das pessoas. E com ele aprendi, também, os ritmos poéticos; ele não era assim tão repentista. Possuía, como todos os poetas, os seus fragmentos interiores. Eu era uma criança e já admirava o homem que conseguia arrasar prepotências em quatro versos ou resumir os benefícios e os malefícios do mundo em quatro versos. Quando se tem um bom mestre na infância, entende-se melhor o mundo. E eu tive vários mestres silenciosos.

Publicou *Na Barca do Coração*, um diário em torno do ano 2000. Ano mítico?

Um ano terrível, de muita violência, com políticos, um pouco por toda a parte, que precisam de ser reciclados e com uma globalização, no mínimo, confusa. Apesar disso, é um livro otimista quanto ao que em cada homem existe de primordial. E é também um romance de amor, muito íntimo, talvez enigmático.

Algum dia especial nesse diário?

Os dias que passei na Bósnia. Algumas páginas dolorosas. Mas o sentimento trágico da vida tem igualmente a ver com a tragédia e a transcendência que existem nas pequenas coisas. Este meu diário tenta apreender a mudança e o primordial das coisas simples e lembrar aos poderosos,

quase sempre profundamente estúpidos e ignorantes, que o homem começa a morrer desde o momento em que nasce. Assume-se como um livro humilde e consciente dessa humildade.

Aprende-se a humildade na tragédia das coisas simples?

Penso que uma pessoa só se torna humilde quando entende que o sentimento trágico pulsa nas pequenas coisas. Quando se pisa uma flor, parece algo sem importância, pode nem se dar conta, no entanto há um ser que vai estar morto, que sofre um momento violento. Violência natural, eu sei, mas dói. Há uma certa morte que existe.

Mais diários?

Estão guardados quarenta anos de diários mas não tenho a mínima intenção de os publicar. A ver se encontro coragem para os destruir. Sou extremamente autocrítico e os meus livros saem muitos anos depois de concebidos. *Na Via do Mestre*, por exemplo, um livro que escrevi durante dez anos (comecei em finais de 60) e ficou outros dez em trabalhos de aperfeiçoamento. A palavra poética deve ser muito burilada, como as pedras do mar. Pesada todos os dias numa balança de ourives. Nada de pressas.

Costuma dizer que já não é um militante humanista. Paradoxal num poeta?

O poeta é um humanista, claro, mas por ser homem, por não poder libertar-se da sua carga genética. Deve, no entanto, manter um gesto de desconfiança em relação ao seu poder e aos poder dos outros, sobretudo desses que assumem desígnios, como se fossem viver para sempre. Há povos na miséria e ninguém lhes alivia a dor, muito menos os políticos, que são por natureza super-egoístas. Os poetas devem estar atentos e tentar ver, a cada instante, o que existe de transcendente na circunstância. Em cada coisa mínima há um todo de que nos falam os gregos. E a nossa posição deve ser de muita humildade, sempre.

Humanismo pode escrever-se então com outra palavra: humildade?

A palavra humanismo, tal como a conhecemos, está decrépita. No vértice da pirâmide, o homem colocou Deus, depois apeou Deus e impôs-se a si próprio. Em tudo isto existe uma falta de humildade absoluta. Muitos dos autores que defenderam o chamado humanismo fizeram-no contra a Natureza, contra o Outro. Ao falarem do homem colocavam-no como mestre da Natureza, capaz de fazer tudo, e fazer aqui é igual a limitar, corromper, destruir. Os aspetos ecológicos são muito recentes na nossa cultura.

Ao chamar hoje para a grande atualidade os problemas ecológicos não estará o homem a fazê-lo por sentir indispensável a humanização da vida?

Fá-lo para se salvar a si próprio, não ao Planeta. Como se não soubesse que ninguém se salva após a destruição do ninho, do habitat. E no entanto ele sabe muito bem, sobretudo o homem que detém o que julga ser o poder, que a sua devastação é irreversível. Talvez pense que o sofrimento, a morte, é para os que vêm a seguir: como se não tivesse filhos.

Poetas e a guerra. Devem ou não os poetas envolver-se? Recentemente, esta questão gerou polémica...

O poeta deve estar atento a tudo e pronunciar-se sobre tudo, caso queira. Se o fizer através de um poema, o único limite é a qualidade literária; seria simplista um poema ideológico, de apanágio a este ou àquele. Um bom poema sobre a guerra é um bom poema em qualquer parte.

E um bom poema sobre a paz?

A mesma coisa. Ou sobre o amor. Sobre a fome. Há poetas que cantam coisas medonhas. Breton dizia que a beleza é terrível.

Como surrealista, Breton sabia que era preciso subverter...

O surrealismo tem como base ir ao sonho e romper com as regras, as leis estabelecidas. Nas suas carreiras poucos fizeram isso, acabaram por escrever como os outros. Um autor que vai à origem das coisas, ao sonho, à natureza...

para já não pode escrever muito, só se for um génio, e há surrealistas que têm escrito a vida inteira...

Também o Casimiro de Brito tem escrito muito...

Mas eu não sou surrealista. O meu subconsciente dá-me umas coisas mas o essencial tem a ver com o meu modo de observar a matéria, a sua emoção, o seu êxtase.

Estão os surrealistas proibidos de escrever muito para terem qualidade?

A estética surrealista tem a ver com o estado de êxtase, com o sonho. Seria preciso sonhar muito... Mas não podemos esquecer-nos que todos os poetas posteriores ao surrealismo foram lá beber...

Como vai o movimento dos poetas do Pen Club Internacional?

Tem um século de vida. Dá atenção a todas as grandes questões sem intenções ideológicas. Preocupa-se nomeadamente com a falta de liberdade de expressão, com o facto de existirem atualmente [2003] no mundo mais de mil e seiscentos escritores presos ou no exílio ou proibidos de escrever. Não podemos transformar o mundo mas vão-se conseguindo todos os dias pequenas coisas. As grandes transformações ocorrem quando uma pessoa dá, por exemplo, um sorriso a outra no momento certo.

Há muito que preside ao Pen Club Português. Está para continuar?

Para continuar, não. O meu desejo é sair, não porque me sintam mal mas porque sou pela mudança. Mas isto dá muito trabalho e não há muita gente disposta a abdicar de prazeres pessoais em troca de nada.

Continua a escrever o *Livro das Quedas*?

Será o meu último livro. Já dele se publicaram uns noventa poemas, entre nós e no estrangeiro. Tudo o que tenho escrito desde 1966 e que no futuro escreverei vai integrar-se nesse *Livro das Quedas*, que tem por subtítulo *A arte de bem morrer*. Só será publicado no seu todo depois de eu desaparecer.

Quantos poemas já tem esse livro final?

Vai em 391 poemas, o último dos quais, um longo poema de amor, tem por sua vez 46 fragmentos. Não sei se o *Livro* terá mais cinco ou mais cinco mil poemas, ou quedas, ou resumos do mundo, marcas dele, o tempo dirá.

Terá o homem forças para se levantar depois de cada queda?

O homem nem sempre. Mas a coisa múltipla que compõe o homem nunca se cansará. O velho irá sendo sempre destruído pelo novo. E tanto o que de matéria corre no homem como também as obras que ele deixa. O que nem

sempre se sabe é o que é velho e o que é novo. Todos os dias se revelam poetas velhos mas Ovídio e Pessoa continuam novos. Renascendo.

Um poeta feliz?

Sinto-me influenciado pelo taoísmo mas não me afasto da realidade, procuro vê-la com alguma distância. Não direi que sou um poeta feliz, contudo tento encarar a tragédia natural da nossa vida com uma certa bonomia. Tive, até hoje, a sorte de não sofrer doenças graves mas passei, como todas as pessoas, por instantes difíceis. No momento em que se consegue chegar à conclusão de que tudo é natural, há uma visita que nos aparece à porta: a felicidade. É bem-vinda.

O “equilíbrio instável” acabará por ser a sua divisa?

Há três ou quatro coisas dessas, enunciações da contradição da vida, que podiam ser. Neste momento interessa-me muito a harmonia entre o rigor e a paixão: vivo intensamente a minha vida, o meu corpo, mas consigo, sei lá como, manter-me sempre sob uma certa vigilância crítica. Mas há dias a minha amiga, num táxi a caminho do aeroporto de Orly, pediu-me que respondesse sem refletir à pergunta que me ia fazer: *Se tivesses que escolher entre a paixão e o rigor o que escolherias?* A paixão, respondi. Mereci o melhor beijo da minha vida.

Se estivesse neste momento rodeado de uma “floresta de espelhos” que faria?

Eu estou rodeado por uma floresta de espelhos, do mesmo modo que estou perdido entre inúmeros e desiguais grãos de areia, afluentes do labirinto infinito da vida. Não me sinto muito mal porque não me compete resolver nenhum problema grave. Viver a minha vida com a maior paciência possível. Escutar o seu rumor é o meu ofício, saborear o corpo que se abre ao meu corpo. Se bem vivi ou vivo não sei, não há nada para saber. Apenas ouvir, olhar respirar.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*